

Nº 2

1.º Anno



Lisboa 17 de Novembro de 1895





## Anna Pereira

É uma das figuras mais proeminentes da scena portugueza.

Estatura, voz, olhos, phisionomia e graça para a scena, talento e enthusiasmo para a arte, tudo isto reúne a artista, cujo o retracto honra o 2.º numero da nossa publicação.

Nasceu Anna Pereira em Cadafes a 27 de Julho de 1845.

O pae d'esta actriz foi empregado no antigo theatro do Gymnasio e foi ali que ella e sua irmã começaram a figurar em papeis de creanças. O seu debutte effectuou-se n'esse mesmo theatro no drama de Braz Martins, *Pecados do Seculo XIX*.

Em 1862 tendo Emilia das Neves organizado uma companhia para levar ao Porto, foram Anna Pereira e sua irmã contractadas. D'ahi seguiram para Coimbra, d'onde vieram para o Principe Real de Lisboa.

D'esse theatro voltou para o Gymnasio onde começou a revelar-se a sua graça que é hoje incomparável, e onde os seus trabalhos começaram a ser bastante applaudidos.

Em 1868 entrava para a Trindade e ali os seus triumphos lhe mereceram o cognome da *Dezajet* portugueza.

Foi n'esse palco que durante um periodo de 22 annos deliciou o publico com o seu talento fulgurantissimo, affirmado em dezenas de creações, com a sua fina graça em dizer o couplet e de que só ella entre nós possui o segredo.

Se a nossa actriz fosse franceza, não temos duvida em affirmar-o, teria hoje um nome mais popular que o de Judic ou Jeanne Garnier. Lembra-nos ao acaso uma peça em que o seu trabalho foi mais tarde confrontado com o da celebre actriz franceza Judic «A mulher do papá» e d'esse confronto só resultou gloria para a nossa biographada.

Muitas das que hoje são consideradas *estrelas* tem muito que aprender n'esta artista que imprime uma certa *calmerie* ao couplet, dando-lhe uma graça encantadora sem descer ao tom e gestos *canaille* de cantora de Caffé Concerto.

N'um paiz, onde não ha escolas, onde os empíricos não procuram fazer arte mas ganhar dinheiro, sair fóra do vulgar é uma empreza difficil que só a muita força de vontade e o muito talento podem conseguir.

Qual a melhor criação d'esta artista? É difficil a resposta. Talvez a ultima. A *Marechala*. Ah, como Anna Pereira, se vingou bem do tão *afamado* homem de theatro que teve o ilrojo de mais tarde lhe chamar estrella cadente! Os applausos que coroaram o magistral desempenho d'esse papel foram o mais formal desmentido que ella lhe podia dar. Como ella detalhava todo o seu personagem! É indescriptível a forma porque dizia esta phrase que definia perfectamente o caracter de Napoleão «Nunca ti rir o *imparador*!» O maior elogio que se lhe pode fazer, é que, desempenhando a nossa primeira actriz de comedia um papel em tudo semelhante, e interpretando-o d'uma maneira notavel, não faz esquecer a maneira brilhante porque Anna Pereira interpretou a *Marechala* Ratinel.

É que Anna Pereira é d'essas artistas que não temem confrontos.

Desejaríamos dar aqui a nota de todas as peças a que ella tem dado vida, com o brilho do seu talento, mas temendo que fique incompleta, terminamos, pedindo-lhe nos perdõe se ferimos com estas linhas a sua modestia e desculpe a insufficiencia da pena que as traçou.

C. A.



A redacção d'este jornal não aceita bilhetes das emprezas exploradoras de theatros.

### RUA DOS CONDES

#### MADAME DE SANS-GENE

De Victorien Sardou, traducção de Moura Cabral

Aguçados os espiritos pela curiosidade, uma parte com a esperanza de ver renascer o nosso decadente theatro, outra enthusiasmada pelo luxo que as resumidas noticias fazem antever e outra ainda, deseiosa do mau successo d'uma empreza a que não havia, nem ha que regatear applausos, era esperada ansiosamente a abertura d'este theatro que se effectuou a 9 do corrente, deixando a todos n'uma boa expectativa.

Ao entrar na plateia, sente-se a impressão do bello e do grandioso que infunde respeito e nos dá ao mesmo tempo a satisfação do bem estar.

O theatro decorado a branco e oiro e illuminado pelos reflexos azulados do *bico Auer*, apresenta um aspecto ridente, que esbatendo-se até ao proscenio e confundindo-se com o magestoso panno de velludo, nos traz á memoria a grandiosidade do luxo de remotas epochas.

O monotono subir e descer da pesada tela, é substituído pelo mais gracioso e surpreendente effeito, que se pode imaginar.

O novo panno todo velludo carmezim, cae em fartas rugas, emoldurado n'uma cornija doirada, tendo ao centro o monogramma de Lucinda Simões.

É realmente surpreendente e d'um gosto finamente artistico, a maneira como o panno abre, arregaçando-se em caprichosos apanhados, em forma de cortina.

A sala d'espectaculo está simplesmente encantadora e pena é que ás vezes e distrahidamente os nossos olhos se vão fixar no tecto, que, embora reformado, é a nota destoante d'aquelle meio a que presidiu tanta arte.

O acontecimento do dia era a abertura d'este theatro, e tinha rasão de ser.

A peça de V. Sardou não foi, por certo, escripta por este grande auctor, para enthusiasmar o publico com scenas de effeito, mas para fazer revlver, segundo a minha opinião, uma epocha em que a França preoccupou o mundo inteiro.

Para os francezes será uma peça de interesse e boas situações, pois é um povo que conhece a sua historia e as suas tradições, mas para nós acho-a pouco interessante e bastante fria.

Não tem scenas emocionantes que prendam a attenção do espectador sensível; a acção, para nós desconhecida, é fastidiosa e monotona, pois sendo a nossa propria historia letra morta entre nós, como nos poderá interessar uma simples resenha do que foi o principio do *baixo — Imperio*?

A traducção do sr. Moura Cabral é por vezes scintillante e primorosa, mas quando nos quer definir a rudeza do caracter de *Madame Sans-Gene*, chega a ser impropria d'um theatro que quer atingir o alto grau de modello, na arte de representar.

A um theatro onde predomina a arte não é necessario sôfrente o genio artistico do ensaador, o luxo e o bom desejo de todos formarem um agradávelissimo conjuncto, é preciso tambem que a linguagem em que a peça está escripta seja adequada ao meio artistico a que se quer chegar, assim como a platéa destinada a frequentar esse theatro.

Foi o defeito que encontrei na traducção da

*Sans-Gene* (talvez culpa do original) e que se não coaduna com a pouca liberdade de linguagem que ha na parte illustrada do nosso povo.

A descripção do amor que *Sans-Gene* alimentou pelo ex tenente do exercito francez, e na epocha em que se desenrola a peça, imperador da França, é demasiadamente livre, ferindo os ouvidos dos mais indulgentes, e diga-se de passagem, se não fosse a maneira como Lucinda Simões a diz, muito mais indecorosa me pareceria.

Ha certa linguagem que, estando muito embora no temperamento dos personagens, não se deve trazer para a luz da ribalta, quando ha a justissima pretensão de atrahir um publico illustrado que possa apreciar as multipas expansões da arte.

É esta a minha sincera opinião, que julgo apoiada por todos aquelles que o seu interesse é verem arte e só arte.

Não era dos pessimistas e orgulho-me de não pertencer a esse grupo.

O que vi n'este theatro não me surpreendeu, esperava-o.

Os intrepidos, tem sempre o meu humilde applauso, pois reagem com os uzos invectradas, provocando-nos sensações novas; em todas as epochas, são os renovadores que passam á historia e os outros, os rotineiros ficam sepultados nos escombros da velha escola, e ninguem mais se lembra d'elles.

Eis porque applaudo com frenesim o emprehendimento de Lucinda Simões e lhe envio as mais enthusiasmas saudações.

Quem diria, ao ver o elenco da companhia, que seria possível apresentar-se um conjuncto tão completo, com tão escassos elementos.

Poucos, mas a dura verdade ali está a fugitar a consciencia, dos que esperavam um fiasco e que infelizmente foram para o theatro, com o firme proposito de o provocar, pois d'outra maneira se não pode explicar as manifestações hostis que alguns, ainda que poucos felizmente, quizeram provocar em contraposição a uma saudação de cortezia, muito e muito justa que o publico imparcial e correcto entendeu dever fazer á distincta actriz. Lucinda Simões encarregou-se do protagonista da peça, a *Marechala de Lefebvre*, e francamente não me agradou a maneira como interpretou este personagem.

Deu-me a idéa d'uma mulher de educação querer imitar a simpáthica lavadeira—Catharina.

No seu papel ha dispendido é certo muita somma de estudo e observação, mas ou porque se preocupasse em fazer uma outra *Marechala*, ou porque este personagem não esteja na seu feito artistico o que é certo é que não conseguiu desenhar nitidamente o feito rude mas franco da *Marechala*, embaraçada pela etiqueta da corte.

Na scena da lição de dança, no segundo acto, é bastante exagerada, perdendo aqui o papel a feição artistica que esta actriz lhe deveria dar.

Uma outra scena demasiadamente exagerada, e que francamente, não esperava que uma artista do quilate de Lucinda Simões, assim interpretasse, é a da escripta da carta, que só pode provocar a gargalhada ignorante, em detrimento das boas regras da arte.

A par d'estas scenas ha muitas de valor real e indiscutível, como todo o primeiro acto superiormente dito e observado.

Definirei, n'estas palavras todo o trabalho de Lucinda Simões:

Se bem, que o personagem não seja interpretado por esta artista, pelo seu verdadeiro e unico lado, talvez pela preocupação de não fazer um trabalho igual ou parecido com o de Anna Pereira, é contudo um trabalho magnifico, onde Lucinda, tem um bom jogo physiologico, muita naturalidade e sobretudo uma bella dicção.

Posser, o actor mais notavel da companhia encarregou-se do escabroso personagem de Napoleão, e a critica tem apreciado a seu modo, o trabalho d'este artista.

Eu que não conheci pessoalmente Napoleão, tanto me encommoda de que Posser fosse mais alto que este moderno Cezar, como que tivesse o nariz mais pequeno; em conclusão não exigia uma caricatura, desejava que não decorrer da peça, Posser me fizesse perceber

No proximo numero publicamos o retrato do glorioso decano dos actores portuguezes — Taborda.

nitidamente a indole d'esse imperador, o que não conseguiu, segundo a historia.

Todavia desempenhou este personagem com a correcção que lhe é peculiar, e talvez que a pouca impressão que me causou, seja devida ao personagem não estar bem definido pelo auctor, pois esta peça foi escripta para os francezes e estes exigiram o retrato vivo de Napoleão, primeiro que tudo.

Esta peça proporcionou uma estreia promettedora, a de Lucilia Simões, filha da eximia actriz Lucinda, e que parece seguir-lhe as pisadas o que é uma esperança para o decadente theatro portuguez e julgo em breve, vêr confirmada.

Christiano de Souza, no papel de Fouché agradou-me bastante, sendo este personagem o melhor da sua curta carreira artistica.

Dos novos destaca-se Carlos de Lacerda que tem uma boa qualidade, saber dizer.

Conglobando; esta peça deu-nos um conjunto harmoniosissimo e completo, que não estamos acostumados a ver em palcos portuguezes e vem a proposito recommenda-o a Empresa do Normal.

Se o primeiro acto me tinha deixado satisfeito pela observação da *mis-en-scene*, os seguintes e especialmente o segundo maravilharam-me pela sumptuosidade do scenario e guarda-roupa.

Nunca em palcos portuguezes se viu guarda-roupa tão luxuoso, e tão ao rigor da epocha.

Tudo é verdadeiro e do mais fino que ha no paiz e estrangeiro, desde as sedas dos vestuarios até a inseparavel caixa de rapé de Napoleão.

Concluindo: direi que esta peça marca epocha no nosso theatro, sendo talvez o inicio do renascimento da arte dramatica portugueza e que o publico mal entencionado, recebeu tão friamente.

N'esta peça se ha alguns defeitos, as boas qualidades, superabundam, e não serei eu que regatearei applausos a tanta arte, a tanta riqueza e a tanta boa vontade.

O publico tem por dever secundar os esforços de Lucinda Simões afluindo ao seu theatro a levar-lhe o seu sincero e entusiastico applauso e a amenizar os onerosos gastos tão artisticamente dispendidos.

Pela minha parte a admiração incondicional por Lucinda Simões, que, reunindo as qualidades de actriz eximia e de mulher de tão profundo gosto artistico, nos trouxe ao coração a esperança do renascimento do theatro portuguez.

## D. AMELIA

### NOVELLI

Hamlet, Papá Martin e Madrinha de Charley

Das 3 a que assistimos onde o notavel actor mais nos agradou foi no *Papá Martin* um drama não demodé mas onde o seu notavel talento de comediante se revelou mais uma vez de forma notavel. N'estes personagens é que elle é inexcédível.

*Hamlet*—Não queremos estabelecer confrontos mas diremos simplesmente que peças como estas não se representam só com a reputação de artista; teve scenas bem feitas, mas a sua maneira de dizer, muito sua, nem sempre esteve á altura da grandiosidade da peça. Mas se ao quadro lhe faltou os toques de mestre, que diremos da moldura! aquelle ensemble aquellas decorações, aquelle caixa, aquelle cemiterio e... o coveiro! Que de recordações.

*Zia di Carlo, Madrinha de Charley*—Não gostámos de a vêr annunciada nos cartazes, mas emfim o actor está no seu direito, porém para amostra devia contentar-se com a exhibição da *Nituche* no papel de Borromeu que Joaquim d'Almeida havia já entre nós representado; quiz dar-nos tambem a *Madrinha*. Isso é lá com elle. D'esta peça diremos que a primeira scena de Novelli, no primeiro acto foi superiormente feita. Depois as opiniões dividiram-se.

Novelli despediu-se com o *Papá Lebonard*, o seu mais extraordinario trabalho.

O nosso publico acolheu-o tão entusiasticamente, que Novelli deve levar gratas recordações de Portugal, especialmente de Lisboa onde recebeu muito justamente honra e proveito.

## PRINCIPE REAL

### O CAPITAL

Drama original do socialista Ernesto da Silva

Estreia auspiciosa foi a de Ernesto da Silva, com o seu drama de propaganda—*O Capital*.

A sua peça, de resumido entrecoto, tem condições theatraes, especialmente o terceiro acto que parece traçado por mão experientada.

*O Capital* está escripto em estylo vigoroso e por vezes elevado, com certa habilidade de factura, que faz prever um talento de que ha muito a esperar, se se dedicar d'alma e coração ao genero dramatico, que tão auspiciosamente encetou.

Todos caem em erro e não seria nada para admirar que Ernesto da Silva tivesse errado.

Não succedeu assim, pois ainda que a sua peça não seja impecavel, excede tudo o que ha a esperar d'um debutante.

Os personagens estão bem delineados, ainda que a linguagem por vezes elevada de que uzam, os desloque do meio em que o auctor os collocou.

Ha uma ou outra scena que não é tão bem observada e por vezes o auctor esquece se dos personagens que conserva em scena, mas estas hesitações são inherentes a um principiante, e como tal desculpaveis.

A peça agradou, e deve ter incitado Ernesto da Silva a outros trabalhos, que prophetisamos outros tantos triumphos.

Tem as honras do desempenho o actor Costa, a figura proeminente d'este theatro.

Em diferentes peças tenho observado que este actor tem por objectivo a arte, desempenhando superiormente os seus papeis, e bem merecia um outro theatro que lhe podesse aproveitar as excellentes qualidades artisticas, que por certo mais brilhariam com um conjunto completo.

Augusto observou o seu personagem com certo cuidado, devendo-se considerar como um dos seus bons trabalhos.

O papel principal da peça foi desempenhado por Valle.

Este actor dispõe de recursos, que, se os soubesse applicar, lhe dariam jus a ser considerado um bom artista.

O papel que lhe coube n'esta peça é de molde a proporcionar a um actor, campo para expandir os seus recursos de *diseur*.

Valle entendeu que berrando como um possesso e mastigando parte das palavras, tirava mais partido do seu personagem e assim o desempenhou.

Fatal erro, o da berraria, que contende com os nervos, e desacredita os artistas que representam por tal escolla.

Senão tivesse no theatro um artista como Costa, tão consciencioso na dicção, ainda seria *admissivel* cahir em tal erro.

Qual o lado porque mais admiro Novelli na comedia?

Pela sua dicção clara e natural.

Siga, Valle, esta escola e ganhará a consideração do publico entendido, podendo ser considerado um artista correcto.

Pinheiro tambem padece do mesmo defeito, berra, berra, cança-se e não pode sustentar sempre na mesma linha o personagem.

Corrija-se d'esse defeito, e será um actor aproveitavel.

Maria da Dofes, Adelina Ruas e Elvira Antunes, houveram-se *discretamente*.

Attendendo ás poucas ou nenhuma pretensões d'este theatro, os artistas formaram um conjunto bastante harmonioso.

Desejamos que esta peça se conserve em scena para satisfação do auctor e artistas.

## THEATRO ESTRANGEIRO



V. SARDOU

E' da maior actualidade, a apresentação d'este celebre author francez aos leitores d'este periodico. Victorien Sardou é o author de *Madame Sans-Gêne* cuja *premiere* constituiu um verdadeiro acontecimento theatral no nosso limitado meio artistico e do maior numero de peças do repertorio de Sarah que faz a honra de visitar-nos. Faltam-nos dados biographicos d'este notavel escriptor por isso nos limitamos a publicação do seu retrato e á enumeração das suas produções mais notaveis. *Les Intimes, Les Ganaches, Les Garçons, Dora, Fernand, Les Bourgeois de Pautaray, Famille Benoiton, Divorçons, Gismonde, Madame Sans-Gêne, Tosca, etc.*

E' commendador da Legião d'Honra e pertence á Academia Franceza desde 1878.



SARAH BERNHARDT

Que dizer d'esta celebre actriz que actualmente representa no nosso theatro lyrico. que outros mais authorisados o não tenham dito já?

Que dizer d'este assombro que se chama Sarah, d'esta mulher que tem levado uma existencia a vapor. Que hade sempre deslumbrar-nos *enquanto viva* porque nunca será velha nem feia!...

Que pinta, que estuda, que viaja, que ensaia, que representa, que escreve livros e dramas, que faz criticas d'arte, que faz gymnastica e esculpturas, e que ainda lhe fica tempo para amar e domesticar tigres, subir em balão, dar bofetadas e chicotadas, demandar em prezarios, ganhar e dissipar milhões, aprender linguas as duas e meia do madrugada, casar, divorciar-se, ter filhos, e... Uff, ainda achamos pouco 20 existencias de mulher para tan-

to encisa (Como escreveu de J. Jules Claretie).

Ahi a temos a maravilha dos seus talentos geniaes, com a sua argentea voz, com a sua flexibilidade felina.

Representando, com o corpo, com a alma, com o olhar, emfim com todo o seu ser.

Commovendo-nos, arrebatando-nos, com o seu espirito todo artista pondo na interpretação dos seus personagens, (como diz J. Lemaitre) eniga so toda a sua intelligencia e toda a sua graça phisica como tambem todo o seu sear.

Não assistimos a premiere, com a Tosca, porque a haviamos visto ha sete annos. Ouvimos varias opinões autorisadas, d'onde concluímos que o desempenho d'hoje foi um pouco inferior ao d'esse tempo. Não é nossa esta opinão, pois, repetimos, não a vimos. Mas, a ser verdadeira, é caso para felicitar os nossos actores, que estão en bonne chance nos confrontos com as notabilidades. Que isto lhes aproveite. Na *Dama das Camélias*, porém, desforrou-se e foi applaudida com enthusiasmo geral. E' que ninguém como ella sabe reproduzir o character d'aquella corteza apaixonada, que comprehende o amor d'uma forma tão levantada.

A critica tem-lhe tecido elogios eguaes aos prodigalisados a Novelli.

Estes dois artistas representam escolas diametralmente oppostas, e talvez estes applausos tenham um pouco de incoherentes, tanto em relação ao cirinense actor italiano como á celebre actriz fraezeza.

E' o caso que o artista que quinta feira se despediu do publico, nas peças que estão no seu feitiço artistico e dentro da escola que segue, é exímio. Mas Sarah, com a sua voz que é um canto e com a sua declamação emphatica, tira da tragedia effeitos que uma dicção naturalista destruiria por completo.

### MARIA GUERRERO

Seguem, no theatro Español de Madrid, os triumphos d'esta distincta actriz.

Muito bem acolhida pelo publico madrileno na peça *Entre bobos anda el juego*, não o foi menos na peça do immortal Calderon de la Barca, *Casa con dos portas... es mala de guardar*.

No proximo numero publicaremos o retrato d'esta actriz, na secção destinada aos estrangeiros.

### A SCENA PORTUGUEZA

#### OS NOVOS E OS VELHOS

Muito se falla hoje na decadencia do nosso theatro e na falta de bons actores. Effectivamente quando por diversas circumstancias desaparecem da scena portugueza os vultos importantes que hoje ornann, não sei o que será do nosso theatro. Dos modernos só temos Ferreira da Silva. Ha um ou outro principiante que não vale a pena fallar por que se dão um passo para a frente, logo recuam dois, empurrados pela vaidade.

São muitas e variadas as causas que contribuem para este lastimavel estado de cousas.

Têm os principiantes d'hoje menos aptidões que os d'outro tempo? Não por certo. Qual a causa então? Uma, que já apontei, a vaidade outra, o desejo de se alcançar muito depressa, o que n'outros tempos levava annos. Concorre ainda a falta de bons ensaiadores, o pouco respeito dos novos pelos velhos, a critica que louva a torto e a direito, que chama distinctissimo actor ao sr. Fulano que debutou na vespera, e chama simplesmente distincto ao actor Cícero que leva 20 annos de estudo e trabalho, e que só por esse estudo e trabalho conquistou o seu logar.

Tenho reparado que hoje os noveis actores conquistam este adjectivo de *distincto*, não no palco a luz da ribalta, mas nas creias do Martinho ou na cavaqueira amena á porta do Mottuco.

Hoje o sr. X entra como discipulo para o theatro de tal, no dia seguinte é tu cá tu lá, com os que podem ser seus mestres e com a

critica da terra; d'ahi o dagem-se uma importancia inapertente, e *tr* não admittirem conselhos d'aquelles com quem se tentam.

Com um cavalheiro respeitabilissimo, bastante conhecido em Lisboa tivemos ha tempos uma conversa á respeito de theatros, e ouvimos d'elle algumas considerações sobre o assumpto deversas sensatas.

Este cavalheiro frequentou muito n'outros tempos os palcos do theatro. Ahi se encontrou quasi todos os noites com tudo o que Lisboa tinha de mais selecto nas letras. Ahi se conversava, se discutia, mas não com a promiscuidade que hoje se vê. Os jornaes que eram poucos n'esse tempo, não tinham a sua secção theatral tão desenvolvida e os criticos d'esse tempo que se chamavam, Pinheiro Chagas, E. Bjiester, Teixeira de Vasconcellos, Mendes Leal, Julio Cesar Machado, Francisco Palha, Games d'Amorim e outros, só chamavam para as suas cavaqueiras actores como Tasso, Santos Pitorra, Cesar de Lacerda, João Anastacio Rosa e só d'esses fallavam nas suas criticas. O pobre principiante pois, se tinha vontade de ser gente, e de se salientar, havia de estudar, e muito, e de pedir conselhos aos mestres, que por seu lado, lh'os não regateavam. Foi assim que se fizeram os bons que ainda hoje existem.

Antonio Pedro, o grande Antonio Pedro, tinha o maior respeito pelo seu mestre Santos, o Santos Pitorra. Quantos devem hoje o que são aos conselhos d'este actor! Já os actores d'amanhã não poderão dizer o mesmo dos que hoje podem ser mestres. De quem é a culpa? d'uns e d'outros.

Hoje os palcos são pouco frequentados por escriptores de cunho, e os criticos e actores vivem n'um elogio muto. E tão habituados estão a que os achem notaveis que, quando por acaso, alguém se lembra de censurar algum trabalho, é ouvil-os, não ha epitheto mau que lhes não assome aos labios e o menos que lhe chamam é *asno!* E tem talvez razão, que é, afinal de contas, o mais triste.

Este artigo vai um pouco longo, para o espaço de que dispomos, e ainda não apontamos todas as causas nem os remedios que se nos afiguram mais simples, por de prompto.

Ora, entendemos nós, que o primeiro remedio é um bom ensaiador, que ensine e se faça respeitar. Isso é difficil de encontrar — o tal bom ensaiador.

Cabe aqui apresentar como prova o bello *ensemble* apresentado por Luçinda Simões na peça com que inaugurou o seu theatro. Não nos cansaremos de a elogiar.

Quando não tivesse outros titulos que a recommendassem á nossa admiração, este só bastaria para a elevar aos olhos de todos os que presam o theatro portuguez.

O segundo remedio está nas mãos dos que sabem, mas que um egoismo, digno de censura, obriga os principiantes a debaterem-se no meio de grandes difficuldades, e muitas vezes a sosobrem sem lhes prestarem sequer o auxilio de um conselho.

O terceiro remedio é o mais difficil de applicar; é mais modestia e mais estudo nos sr's. principiantes.

A modestia, porém, não é fim de *siècle* e o estudo massa.

Finalmente o 4.º remedio deve applical-o o publico e a imprensa.

Não regatear elogios a quem os mereça, seja quem for, e criticar, apontando os defeitos, todo o merecedor de censura.

Pela nossa parte não nos arredaremos a pollegada d'este caminho.

CRITICO DAS VARANIAS.

### MEMENTO

Ainda se não sabe definitivamente o dia da festa artistica do distincto actor Marcellino Franco.

Subirá a scena a peça *A Fuga das Sabiñas*, traducção.

Marcellino Franco é hoje um dos nossos mais correctos actores comicos, por isso desejamos-lhe uma brilhante festa.

— Rua dos Condes. — N'este theatro ensaiam

a *Demi-Monde*, á maior corôa de gloria de Luçinda Simões.

PRINCÍPE REAL—Brevemente entra em ensaios n'este theatro *A Carroeira*, drama de molde a pôr em evidencia os recursos da intelligente actriz Amelia Vieira.

### ARRE QUE É SER BESTA

Recebemos do cavalheiro que usa este nome o bilheite postal que reproduzimos em facsimile

*L. 10/1/95*  
*Caro Sr.*  
*Por acaso comprei hoje o vosso semanario de critica theatral intitulado "O Theatro" que, afinal, há mais tempo que comprado e não me lembrava um jornal de periodos. De ler o cabeçalho vejo o nome d'alguma actriz de primeira ordem, porém o primeiro actor portuguez não está lá? Era o Joaquim d'Almeida. Arre que é ser besta!*

### O NOSSO JORNAL

Para dar-mos uma feição mais elegante ao nosso jornal, publicamos isoladamente o retrato da primeira pagina.

A falta de espaço obrigou-nos a retirar-mos além de muito original, a secção, *O Theatro em 1894* de que pedimos desculpa.

### OS THEATROS

JORNAL DE CRITICA ILUSTRADO

COLLABORADOR ARTISTICO

JULIO ALVES

REDACTOR-GERENTE

DIAMANTINO LEITE

PREÇOS

Serie de 10 numeros . . . . . 100 REIS  
Avulso . . . . . 20

Toda a correspondencia deve ser dirigida para a travessa de André Valente, 13.

A todas as pessoas que enviarmos este jornal, pedimos a fineza da sua assignatura, e no caso contrario de nol-o devolver.

Todos os assumptos relativos a este jornal são tratados com o redactor-gerente, na sua residencia, travessa de André Valente, 13.

• Editor Henrique Pinto do Amorim